



Bicentenário da Missão Francesa



A chegada da Missão Artística Francesa ao Brasil completa 200 anos. O grupo, chefiado por Joaquim Lebreton, trouxe artistas da Europa para a Corte nos trópicos. Entre os integrantes estavam o pintor Jean-Baptiste Debret e o arquiteto Grandjean de Montigny. A comitiva foi responsável pelo ensino formal das artes no Brasil e implantação do estilo neoclássico. **PÁGINA 6 E 7**

ACERVO FUNDAÇÃO EVA KLABIN



PÁGINA 12

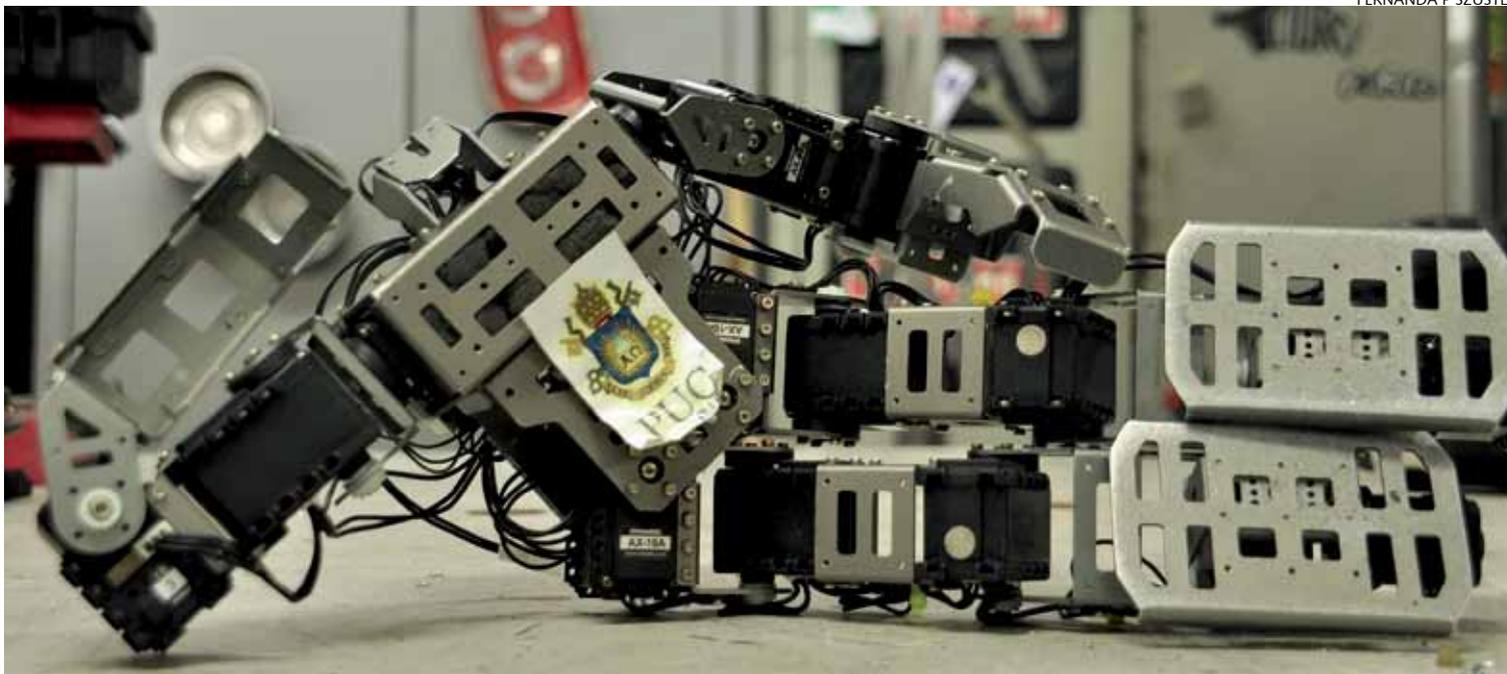
O acervo de Klabin para o Rio

Ao longo da vida, Eva Klabin reuniu mais de 2 mil peças que hoje podem ser conhecidas na Fundação Eva Klabin, localizada na Lagoa

Máquinas de metais: ouro, prata e bronze

RioBotz tem uma das melhores participações da história

FERNANDA P. SZUSTER



O robô Psy Volt conquistou a medalha de ouro na RoboGames. Ele faz parte da equipe de humanoides que tem mais dois robôs no grupo

A equipe RioBotz garantiu o primeiro lugar na categoria Freestyle com o robô Psy Volt na RoboGames, principal competição de tecnologia robótica do mundo. Além disso, a equipe de Engenharia Ro-

bótica da PUC-Rio apresentou um novo robô chamado Slackline, que ocupou o terceiro lugar na categoria Balancer-Race. O novo projeto foi desenvolvido pelo estudante de mestrado em Engenharia Me-

cânica João Virgolino e pelo estudante de graduação em Engenharia Mecânica Gabriel Fisher. No total, a RioBotz conquistou nove medalhas, sendo quatro de ouro, duas de prata e três de bronze. **PÁGINA 3**

Comunicação: Doutorado é consolidado

A defesa da tese de doutorado da professora Bruna Aucar foi a primeira do Departamento de Comunicação Social. O trabalho, orientado pelo professor Everardo Rocha, explora a história da publicidade por meio do desenvolvimento das agências publicitárias no Brasil. A implementação do doutorado foi liderada pelos professores Miguel Pereira e Everardo Rocha. A pós-graduação tem 72 alunos e três linhas de pesquisa. **PÁGINA 5**

Antonio: um campeão em duas rodas

O gerente de orçamentos e convênios foi campeão quatro vezes em competições de Mountain Bike, terceiro lugar na Copa Rio de Ciclismo e o único que subiu no pódio do Ranking Estadual com dois troféus em mãos. Essas conquistas só se tornaram possíveis graças aos treinamentos pesados e à alimentação regrada do atleta. O funcionário compete com o uniforme da PUC-Rio há 11 anos. **PÁGINA 8**

Refugiados viram professores no Rio

PÁGINA 11

Uma área de alimentação reformada

PÁGINA 9

REITOR

Nesta edição, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., aborda a questão da resiliência, que é a capacidade de sobreviver, adaptar-se e crescer, mesmo com os problemas agudos e crônicos do contexto social, político e ambiental em que vivemos. **PÁGINA 2**

REITOR

Resiliência na Universidade

Embora o conceito de resiliência seja conhecido na física, psicologia, administração, ecologia, entre outros campos do saber, nos últimos anos ele vem sendo utilizado também para cidades e instituições, para definir a capacidade de sobreviver, adaptar-se e crescer, mesmo com os problemas agudos e crônicos do contexto social, político e ambiental em que vivemos.

A resiliência de uma instituição como a Universidade, supõe aspectos acadêmicos, sociais, econômicos e ambientais, onde permanentemente, num contexto histórico de mudanças e incertezas, temos que lutar para garantir a história de sobrevivência da instituição, adaptando-nos aos novos desafios dos contextos locais, regionais e internacionais, e procurando crescer nas avaliações internas e externas. A resiliência econômica e financeira de uma Universidade comunitária como a PUC-Rio mede-se pela capacidade de resistir, planejar e continuar sobrevivendo, mesmo com as crises e incertezas macroeconômicas, sabendo que as mesmas repercutem na gestão universitária, ainda que por vezes ajudam no replanejamento e na abertura de novos caminhos de crescimento. Na resiliência acadêmica o fator adaptação é certamente o mais relevante, pois supõe re-

visões e avaliações permanentes, para manter o equilíbrio entre a demanda social, a profundidade dos conteúdos, e a abertura para os novos aspectos pedagógicos, metodológicos, profissionais e científicos. As crises e inquietações que brotam no meio acadêmico são importantes para romper a inércia e abrir-se para a rotina criativa e inovadora. No entanto, um fator determinante para sobreviver e crescer academicamente consiste nas avaliações, ad intra e ad extra, permitindo acompanhar o desempenho atual da instituição, e sua capacidade futura de enfrentar desafios e galgar espaços competitivos na educação superior. A resiliência social consiste em preservar os valores que fazem parte do marco referencial da Universidade, não abrindo mão de algumas conquistas e opções feitas historicamente, mesmo tendo, por motivos econômicos, de reduzir periodicamente os custos de algumas estruturas menos importantes da atividade fim da instituição. A PUC-Rio, por sua natureza filantrópica e comunitária, tem historicamente conseguido honrar suas responsabilidades sociais e a política de inclusão educacional, mesmo com algum sacrifício na área de investimento e reserva patrimonial. No que se refere à resiliência ambiental,

temos diante dos olhos um grande desafio, sobretudo pelos nossos compromissos com a agenda ambiental da PUC-Rio, construída com metas de curto, médio e longo prazo. Vivemos num contexto global e local onde as mudanças climáticas aparecem nas crises energéticas e hídricas, afetando nossas cidades, estados e país. A nossa capacidade de sobreviver passa tanto pelo agir de forma preventiva, como pela adaptação a estes desafios, e na busca inteligente de soluções mitigadoras para os problemas mais emergenciais. As diferentes áreas do conhecimento científico são instigadas a enfrentar não apenas as questões que são crônicas na nossa sociedade, mas também daqueles que a cada dia se tornam agudos e complexos. A capacidade de resistir a estes desafios na Universidade, passa principalmente pela pesquisa, setor que constitui uma das fortalezas da PUC-Rio.

Que possamos enfrentar estas resiliências na Universidade, contribuindo com a sociedade naquilo que temos de melhor e, mesmo diante do momento de crise em que vivemos em nosso país, procurar fazer o que é possível com competência, criatividade, grandeza humana e esperança de dias melhores.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

No meio da atual crise, que posição tomar?

Estamos no meio de um processo de impeachment da atual Presidente do Brasil. Há tentativas de última hora, por parte do governo e seus aliados, para tentar evitar o impeachment antecipando as eleições. Um bom número de partidos acredita que há motivos legais para essa medida extrema de tirar do cargo uma Presidente legalmente eleita pelo povo. Mencionam a esse respeito como, não único, mas principal motivo as chamadas “pedaladas fiscais”. O Executivo e os partidos que ainda o apoiam, acham que as “pedaladas” são apenas uma escusa para tirar do poder uma Presi-

dente legalmente eleita e falam de golpe. Não queremos nem pretendemos aqui dar razão a uns ou a outros, mas gostaríamos de sublinhar a posição que, em qualquer hipótese, alguém formado numa Universidade de inspiração cristã deveria tomar, qualquer que seja a sua posição sobre se se tratar de um impeachment ou de um golpe.

Num país onde uma grande maioria da sua população ainda vive pobremente e ainda não usufrui dos seus direitos básicos à educação, à saúde e à segurança, no podemos admitir que montantes muito elevados de recursos sejam empregados para

subornar quem quer que seja. A corrupção é uma grande injustiça, para não dizer um grave pecado. Num país como o Brasil, qualquer que seja o governo que tenhamos no próximo futuro, esse governo deveria deixar bem claro, desde o início, que além de dizer um “não” à corrupção, os seus esforços não se limitarão apenas a restabelecer a “ordem” ou a sair da atual crise, mas se orientarão prioritariamente para ajudar àqueles que mais precisam dessa ajuda, seja na cidade, seja no campo, e que são ainda a maioria da nossa população.

■ PE. FRANCISCO IVERN, S.J.
VICE-REITOR

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

250 anos de PUC-Rio

Cinco pessoas muito especiais

ANTÔNIO ALBUQUERQUE/ACERVO PROJETO COMUNICAR



Assembleia de Funcionários da PUC-Rio no antigo Salão de Vidro, no local atualmente ocupado pelo Auditório Padre Anchieta (1985)

Todas as manhãs a cena parece repetir-se desde que a PUC-Rio veio para a Gávea. Todos os dias, como uma onda, uma multidão atravessa os portões da Universidade.

Ainda que pareça o mesmo, esse mar de gente nunca se repete. Entrar pelos portões da PUC-Rio há 50 anos era provavelmente bem diferente do que é hoje. Mudou o mundo, mudou a cidade, mudou a Universidade, mudaram aqueles que, a cada dia, atravessam seus portões. Mas alguns dos que hoje o fazem há 50 anos cruzaram pela primeira vez o portão da Rua Marquês de São Vicente.

Ser funcionário da PUC-Rio é um ofício, mas também é uma experiência de sociabilidade. E cada um dos que aqui trabalham sabe que constrói a Universidade e, ao mesmo tempo, que o vivido no campus passa a fazer parte de sua identidade.

Este ano, como já anun-

ciado, cinco funcionários completam 50 anos de trabalho e de dedicação à PUC-Rio. Há cinco décadas, como na foto que ilustra a crônica, esses cinco funcionários unem suas mãos às de seus colegas para fazer melhor e mais grato o cotidiano da Universidade. Seus nomes? Francisco, Antônio José, Maria José, Charles Albert e José. Mas fica mais fácil reconhecê-los como o Chiquinho do CETUC, o Antônio fotógrafo, a Majô da Vice-Reitoria de Desenvolvimento, o Charles dos laboratórios de Química e o Pain do CCS.

As crônicas de 2016 são expressão do reconhecimento da Universidade. E também são um convite para conhecer melhor cada uma dessas cinco pessoas muito especiais.

■ PROFESSORA MARGARIDA DE SOUZA NEVES
RODRIGO LAURIANO SOARES
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. Coordenadora-Adjunta: Profª. Julia Cruz. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini.

JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora e Chefe de Reportagem: Profª Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e Diagramação: Profª. Mariana Eiras. Ilustração: Prof. Diogo Maduell. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Cesar Romero, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. Anúncios produzidos pela Agência.Com. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: impresso.comunicar@puc-rio.br. Impressão: gráfica Folha Dirigida.

MATHEUS PAULO MELGAÇO

Prêmio: Equipe de robótica ganha 9 medalhas: 4 de ouro, 2 de prata e 3 de bronze nos EUA

Tecnologia que garante o pódio

RioBotz tem uma das melhores participações da história

FOTOS FERNANDA P SZUSTER

A RioBotz, equipe de Engenharia Robótica da PUC-Rio, ganhou nove medalhas na RoboGames, principal competição de tecnologia robótica do mundo, que ocorreu entre os dias 8 e 10 de abril em Pleasanton, na Califórnia, nos EUA. O campeonato reuniu 30 países em 56 categorias. Dentre as nove medalhas ganhas, quatro foram de ouro, duas de prata e três de bronze. O número é maior em relação ao do ano passado, quando a equipe ganhou seis medalhas no total.

Além dos famosos robôs conhecidos como humanoides que dançam, correm e lutam, a novidade deste ano foi a presença de um novo robô chamado Slackline, que ocupou o terceiro lugar na categoria Balancer-Race. Feito em apenas dois meses antes da competição, o primeiro robô da RioBotz a participar desta categoria tem o objetivo de correr um percurso com obstáculos e, ao final, permanecer equilibrado durante cinco segundos. O nome remete ao esporte cuja finalidade é se equilibrar em cima de uma fita de nylon.

O Slackline foi desenvolvido pelo mestrando em Engenharia Mecânica, com ênfase em Robótica, João Virgolino e o graduando em Engenharia Mecânica Gabriel Fischer. Segundo eles, o maior desafio foi criar um robô do zero, isto é, sem ter nenhum parecido com ele na equipe.

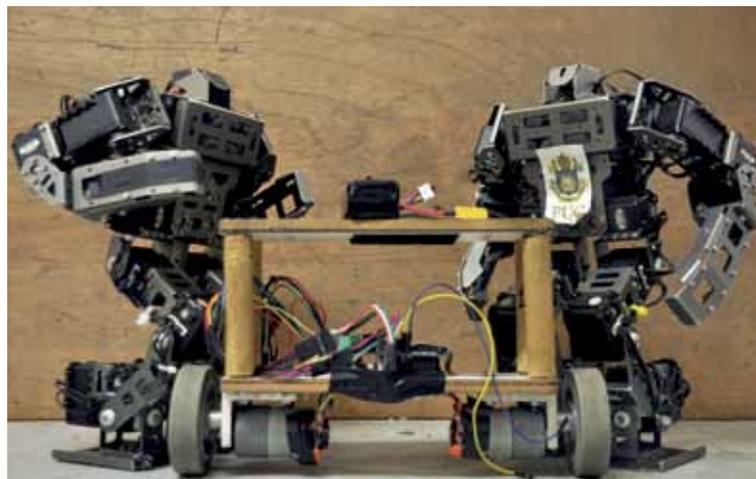
– Começamos a montá-lo faltando dois meses para a competição. Não tivemos uma base muito grande, porque não temos um robô desta categoria. A tecnologia envolve mecânica, dinâmica, programação e eletrônica. Ele tem que andar, ficar estável e desviar de objetos.

Virgolino comentou a dificuldade de montar um robô com os poucos recursos financeiros que a equipe tinha. Ele destaca, entretanto, que a criatividade e a persistência garantiram o êxito.

– Nós estávamos com pouco dinheiro, então, usamos materiais baratos. A estrutura, por exemplo, é feita de cabo de vassoura que o pessoal usa em casa. Ele tem o giroscópio, que é um sensor que consegue medir a aceleração da gravidade para conseguir o equilíbrio. A eletrônica e o controle fazem com que os motores atuem para que ele mantenha o equilíbrio. A competição nacional não tem uma



Conhecidos como humanoides, os robôs Usain Volt e Psy Volt, que correm e dançam, conquistaram o ouro



Localizado no centro, o Slackline, ganhou medalha de bronze nos EUA

categoria parecida com esta.

A equipe teve uma das melhores participações da história com nove medalhas. Nos últimos três anos, a RioBotz descobriu baterias, motores e controladores eletrônicos que, de acordo com o coordenador da equipe desde 2003, professor de Engenharia Mecânica Marco Antonio Meggiolaro,

ninguém ainda tinha usado nessa competição.

– Eles tiveram um excelente desempenho com os humanoides que são robôs que exigem muita programação, além do self-balancer, um robô autoequilibrante que foi desenvolvido em pouquíssimo tempo. A competição é muito acirrada. A grande maioria dos adversários

giolaro conta que o mercado de trabalho reconhece o que é feito dentro da Universidade.

– A oportunidade de participar da RioBotz é algo que faz diferença na formação do aluno. Eles têm uma base muito forte de matemática e outras disciplinas na sala de aula, mas nunca vão ter o tempo suficiente de laboratório para desenvolverem sozinhos os equipamentos. Na RioBotz existe a oportunidade e proatividade de fazer. O que os meus ex-alunos dizem é que, quando vão para uma entrevista de emprego e falam que já foram da RioBotz, abre-se automaticamente um sorriso no entrevistador.

O capitão da equipe, Eduardo Monte, estudante de Engenharia Mecânica, acredita que o grupo amadureceu com a competição. Ele lembra momentos difíceis no campeonato, como a reconstrução do robô Máximus em 30 minutos.

– Apesar de não termos conseguido o primeiro lugar com o Touro Máximus, a equipe foi muito bem. Perdemos por azar. Mesmo o grupo sendo muito novo, mostramos maturidade nos momentos difíceis. Conseguir reconstruir o Máximus em 30 minutos é motivo de orgulho. É incrível ver o self-balancer sair do papel. É um projeto inédito. Tivemos bastante ajuda do Meggiolaro, que sempre se mostrou à disposição de extrair o melhor de cada projeto.

O capitão ainda revela que a equipe está projetando três novos robôs para a competição nacional, que ocorre em Mauá, no estado de São Paulo, no dia 7 de junho.

– Estamos em fase de definição do projeto, então não podemos dizer muita coisa sobre a próxima participação deles na competição. Mas a equipe, desde já, está pesquisando e colocando o que tem de melhor para o desenvolvimento deles.

“A grande parte das equipes usa componentes que nós fizemos”

Marco Antonio Meggiolaro

é de engenheiros experientes. Mas o esforço dos alunos é impressionante. É algo desafiador estar na fronteira do conhecimento. Atualmente, grande parte das equipes usa componentes que nós descobrimos.

Segundo o professor, os alunos têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos na RioBotz. Meg-

OBITUÁRIO

Elias Kallás
(1936-2016)

O sociólogo e professor Elias Kallás, carinhosamente chamado de Ely Kallás, morreu no dia 5 de abril, aos 80 anos, na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais. Kallás estava internado na clínica Santa Paula para tratamento de um câncer. O corpo foi velado e enterrado na cidade onde morreu.

Natural de Santa Rita do Sapucaí, Kallás trabalhou na PUC-Rio em três momentos na década de 70 e 80. Ele foi Vice-Reitor Administrativo de 1977 a 1979 e, depois, de 1983 a 1986. O sociólogo também ocupou o cargo de Vice-Reitor de Desenvolvimento de 1986 a 1987.

Ao longo da carreira, Kallás

foi professor do Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação (FAI), do Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel), e da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás). Além disso, foi diretor da IBM e secretário municipal de Ciência e Tecnologia entre 2005 e 2008.

VITÓRIA CHRISTINO

José Carlos Teixeira de Oliveira
(1938-2016)

O ascensorista José Carlos Teixeira de Oliveira, de 78 anos, morreu no dia 27 de abril, de pneumonia. Ele trabalhou na Universidade por 33 anos, era casado e tinha três filhos e três netos. O enterro ocorreu no Cemitério Jardim

de Mesquita, em Mesquita, na Baixada Fluminense.

Supervisora dos ascensoristas, Edna Cristina afirma ter várias memórias alegres de Mineiro, como era conhecido. Ela relata o temperamento extrovertido do colega e o hábito que

ele tinha de distribuir balas aos conhecidos. A supervisora lembra que, aos sábados, quando os dois sempre voltavam juntos para casa, de trem, a diversão era sempre garantida pelas boas conversas e bom humor do colega.

JOSÉ RODRIGO SALGUEIRO

LEIA MAIS ON-LINE

Titular na Educação

NINA CARDOSO



Sessão solene de posse da professora Ana Waleska Pollo Campos Mendonça como professora titular do Departamento de Educação

Década de Leitura

FERNANDA P. SZUSTER



Lançamento da revista Cátedra Digital e a apresentação de novo site em comemoração pelos 10 anos da Cátedra Unesco de Leitura

Livro sobre Encíclica

NINA CARDOSO



Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., lança livro 'Laudato Sí: um presente para o planeta' com artigos sobre a Encíclica

Jornal da PUC on-line

A cobertura completa do que ocorre na Universidade pode ser conferida na página on-line do Jornal da PUC. Fique por dentro de tudo que movimenta o campus diariamente, como palestras, seminários, shows e demais atividades. Acesse nosso site.

www.puc-rio.br/jornaldapuc

COMUNICAR
TAMBÉM É FAZER JUNTO

O Portal PUC-Rio Digital uniu-se ao Projeto Comunicar. Para comemorar a fusão, criamos uma nova marca. Essa identidade visual representa o nascimento de um canal de comunicação ainda mais forte, moderno e dinâmico para divulgar as atividades da PUC-Rio.

COMUNICAR | PUC RIO

Conecta você a tudo o que acontece na PUC-Rio

comunicar2.vrc.puc-rio.br

Academia: Professora Bruna Aucar apresenta primeira tese da pós-graduação do Departamento de Comunicação Social

Defesa de doutorado estabelece novo ciclo

Pesquisa aborda o desenvolvimento das agências publicitárias no Brasil

FERNANDA P. SZUSTER

MATHEUS PAULO MELGAÇO

O Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio consolidou a implementação do doutorado com a primeira defesa de tese realizada pela professora Bruna Aucar, do Departamento de Comunicação Social, no dia 13 de abril. Com 72 alunos, a pós-graduação conta, atualmente, com três linhas de pesquisa: Comunicação e Representação; Comunicação e Experiência; e Comunicação e Produção.

Com orientação do professor Everardo Rocha, a tese explorou a história da publicidade brasileira a partir do desenvolvimento das agências publicitárias no Brasil entre 1914 e 2014. A banca avaliadora foi composta pelos professores da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) Muniz Sodré e João Freire Filho, a coordenadora de pós-graduação do Departamento de Comunicação Social, professora Claudia Pereira, professor Miguel Pereira, do Departamento de Comunicação Social e a pós-doutoranda Ligia Lana.

Dedicação e amor à Universidade. Essas são as palavras que o professor Everardo Rocha usa para expressar a emoção que sentiu durante a defesa do trabalho da professora Bruna Aucar. Com 41 anos de casa, entre graduação e mestrado, ele não esconde o orgulho de ter orientado a primeira defesa de tese do Programa de Pós-Graduação, além de ter sido um dos responsáveis pela implementação do doutorado, em parceria com o professor Miguel Pereira.

– Na minha época de graduação, eu tinha o desejo de realizar a pós-graduação no prédio Kennedy. O tempo passou e estou fazendo parte desse novo momento. A Bruna fez um óti-



Após concluir a graduação e o mestrado na PUC-Rio, Bruna Aucar é a primeira a defender tese de doutorado

“
O tempo
passou e
hoje estou
fazendo parte
desse novo
momento”

Miguel Pereira

mo trabalho. Ela é inteligente, sabe ouvir as pessoas. A PUC gosta dela. É um privilégio.

Já a coordenadora do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Comunicação Social, professora Claudia Pereira, observa que o curso de doutorado requer dedicação tanto de orientadores quanto de alunos.

– No doutorado é uma nova rotina para os orientadores. É um outro nível, um outro *timing*, uma outra relação que você estabelece com o aluno em termos de aprofundamento de pesquisa. Temos um trabalho de seleção e arranjo de orientadores e alunos bastante estruturado.

Após concluir a graduação, o mestrado e o primeiro doutorado do Departamento de Comunicação Social, com oito meses de gravidez, a professora Bruna Aucar ressalta a importância da Universidade ao longo da trajetória profissional.

– A PUC é uma mãe para mim. Foi aqui que eu concluí minha graduação, fui ao mercado profissional, voltei para ser professora e fazer o que hoje dá sentido à minha vida. Essa última etapa, embora exaustiva, foi prazerosa. Ainda mais acompanhada pelo meu primeiro filho – destaca ela, se referindo ao bebê.

Em sua análise, ela explica que o destaque que a profissão exerce nas relações sociais resulta em uma sociedade consumista.

– A publicidade se apresenta como uma narrativa central da sociedade contemporânea, uma vez que ela produz e faz circular temas que impactam as subjetividades e estabelecem componentes símbolos e práticas que nos definem como uma sociedade de consumo.

Ainda na pesquisa, Bruna Aucar foi a quatro agências publicitárias, no Rio de Janeiro e em São Paulo, com o objetivo de conhecer a disposição das empresas dentro dos espaços e analisar as características em comum entre os produtores das mensagens publicitárias. Para ela, conhecer as estratégias, os pactos, os ajustes e os poderes do discurso são fundamentais para pensar quais as consequências sociais.

– Com a pesquisa bibliográfica e a aproximação da rotina

produtiva foi possível perceber a importância da atuação conjunta de identidades para a viabilidade do anúncio como uma narrativa cultural relevante. Pude observar que as relações espaciais estão ligadas às hierarquias de poder, ou seja, os espaços mais nobres são dos cargos que estão acima em uma estrutura profissional.

A implementação do doutorado levou longas horas à frente do computador, como conta Miguel Pereira, um dos professores que liderou a nova empreitada do Departamento de Comunicação Social. Ele ressalta que uma das principais partes é a elaboração das linhas de pesquisa e a estrutura curricular do curso.

– Tudo foi elaborado por mim e pelo professor Everardo em um primeiro momento. Chegamos a passar madrugadas a fim de deixá-lo dentro das exigências da Capes. Por termos um mestrado montado, não houve grande problemas com o doutorado. Com isso, toda a estrutura curricular do doutorado foi pensada e submetida posteriormente aos professores da pós-graduação do Departamento. Eles deram sugestões oportunas e assim foi construído o processo.

O professor destaca a importância do mestrado e do doutorado para o profissional de comunicação que está no mercado de trabalho e afirma que atualmente é preciso se aprofundar e desenvolver critérios críticos de avaliação em relação à comunicação. Um dos caminhos que ele aponta para a atualização do profissional é a pós-graduação.

– O mercado profissional necessita do mercado acadêmico. O profissional de comunicação não pode parar de estudar. Quem não se atualiza é um profissional morto. Quanto mais qualificado é o comunicador, mais gabaritado ele está para exercer a profissão com competência e senso crítico.

História: Responsável por importar nomes como Jean-Baptiste Debret, Grandjean de Montigny e Nicolas-Antoine Taunay, a Mis



A tradição neoclássica desembarca no Brasil

CAMILA DE ARAUJO

No campus da PUC-Rio, na Gávea, o Solar Grandjean de Montigny é um dos legados da comitiva que posteriormente ficou conhecida como Missão Artística Francesa. Composta por cerca de 40 artistas franceses, a expedição tinha como objetivo oficializar o ensino das Artes na nova capital do Reino de Portugal e Algarves, a exemplo das metrópoles europeias. Entre os passageiros do veleiro norte-americano Calphe, estavam o arquiteto Grandjean de Montigny e os pintores Jean-Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay. Sob a tutela de D. João VI, o grupo organizado pelo ex-secretário do Instituto da França Joaquim Lebreton aportou no Brasil em 26 de março de 1816.

A viagem dos artistas coincidiu com a Restauração Monárquica na França que destituiu Napoleão Bonaparte. Protegidos pelo estadista, os neoclássicos foram perseguidos e acabaram relegados ao ostracismo em seu país. No Brasil, foram os representantes do neoclassicismo – movimento que buscava reimprimir a estética greco-romana. Adotado como estilo da Corte Francesa, exemplo de luxo e suntuosidade, o neoclássico foi aceito pelas demais como o oficial para registrar os feitos da nobreza. Ideário que acompanhou a transferência da realeza de Portugal, retratado por Debret em telas como *Aclamação*

de D. João VI, Coroação de d. Pedro I e Desembarque da Princesa Leopoldina.

Com o intuito de conferir arte, cultura e refinamento à nova capital, D. João VI aceitou a sugestão do Conde da Barca, Antônio de Araújo e Azevedo, de fundar um instituto para o ensino de artes e ofício. Por ordem do rei, o Marquês de Marialva chegou a Joaquim Lebreton, líder da iniciativa em Paris. Embora haja versões que apontam a decisão de migrar para os trópicos como uma articulação dos próprios artistas franceses.

Segundo a professora Tatiana Siciliano, do Departamento de Comunicação Social, as duas hipóteses estão de acordo na implantação da Colônia Lebreton.

– Não existe nenhum documento que comprove o caráter oficial da Missão. Mas que houve um interesse dos dois lados é possível inferir, já que os artistas estavam desempregados e a Corte precisava de um certo glamour – afirma Tatiana.

Com altos índices de criminalidade, ruas estreitas, sujas e ocupadas por escravos, o Brasil que os estrangeiros encontraram estava distante das grandes capitais como Paris. O historiador e imortal da Academia Brasileira de Letras Alberto da Costa e Silva comenta que os missionários franceses encontraram uma cidade descuidada, porém bela.

– O Rio de Janeiro era uma cidade feia, pequena e poeirenta, mas com uma paisagem linda. Os artistas franceses en-

contraram casas mal pintadas, ausência de passeios públicos e de grandes praças arborizadas – diz Costa e Silva.

Para ele, as grandes contribuições do grupo chefiado por Lebreton foram a criação de uma estética mais apurada de arte e a profissionalização.

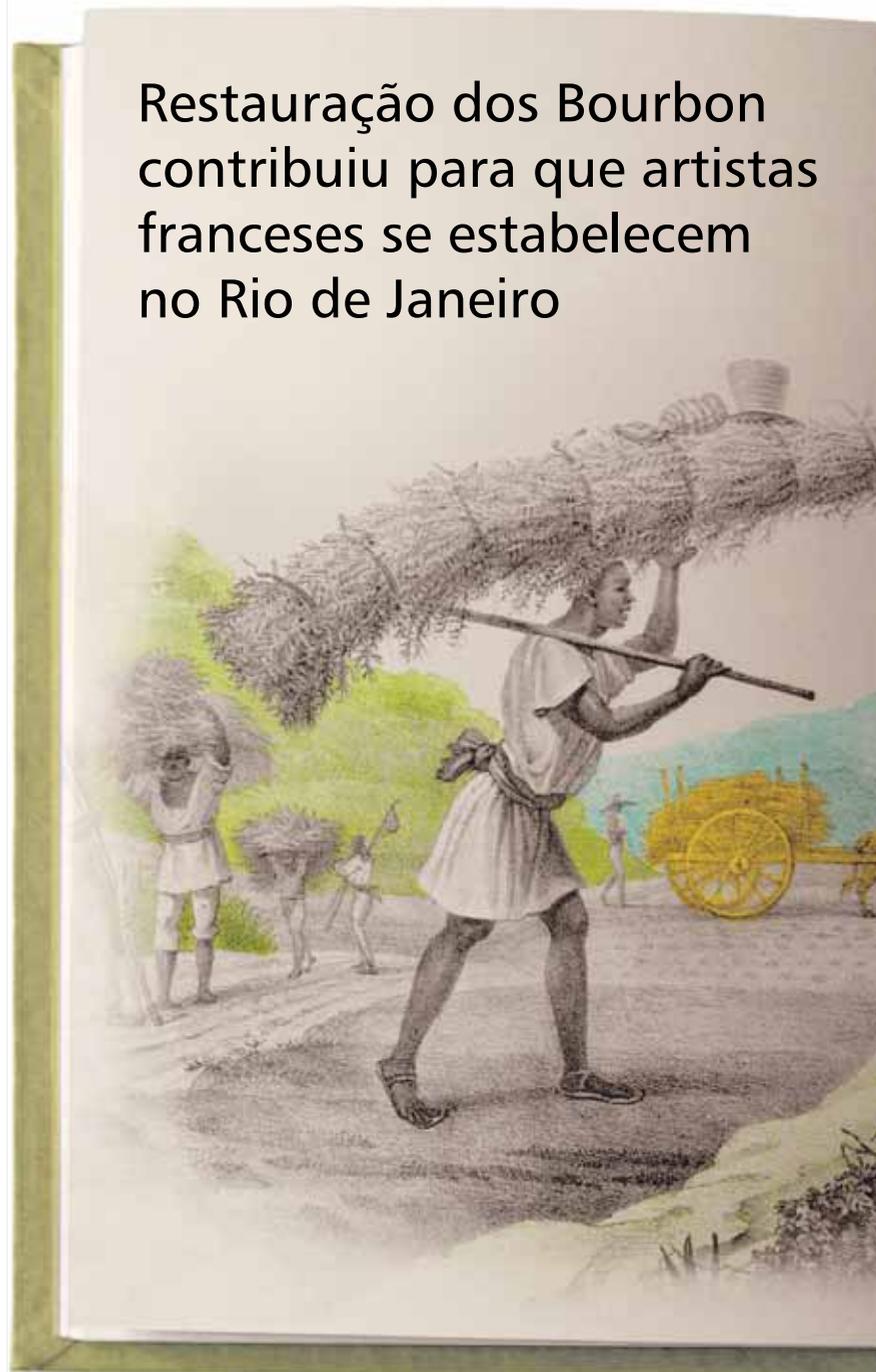
– O maior legado da Missão Artística foi ter instituído no Brasil um conceito mais erudito de arte. Eles trouxeram o que se entendia no Ocidente nesse campo para o Brasil. Até então, não havia a ideia do artista ou do arquiteto, as pessoas conheciam o artesão, mas os franceses apresentaram a ideia de um ensino artístico oficial – afirma o historiador.

O professor João Masao Kamita, do Departamento de História, observa que, antes da chegada da Missão Artística, as construções eram muito simplórias, sem a monumentalidade de capitais do Velho Mundo.

– Havia um padrão de sobrados coloniais de ruas contínuas de dois a três pavimentos, no máximo. Construções associadas ao signo do atraso. De resto, chácaras, sítios e áreas alagadiças. Não havia uma arquitetura civil nobre, palácios. Por essa razão, era necessário atribuir à cidade uma transformação que estivesse em sintonia com o novo status da capital do Reino – analisa Kamita.

Registros do Rio de Janeiro foram estampados pelo pintor de costumes Jean-Baptiste Debret que, além de retratista ofi-

Restauração dos Bourbon contribuiu para que artistas franceses se estabeleçam no Rio de Janeiro



Missão Artística Francesa inaugura o estilo neoclássico e o ensino das artes no país

cial da Corte, captou cenas do cotidiano brasileiro, fauna, flora e personagens do mundo que despontava nos trópicos. Para Tatiana, ele foi responsável por mostrar a tensão social e a perversidade da escravidão, apresentados no livro *Viagem Pitoresca e História ao Brasil*, publicado em 1831, quando regressou à França.

– Debret é um cronista do Rio de Janeiro. Ele mostra quem era o povo que vivia e transitava no espaço urbano. Em seu livro, ele descreve os costumes e ilustra com aquarelas a tensão social e a perversidade escravocrata, o que nas obras de Debret são candentes. Ele retrata as posições marcadas, inclusive, de ascensão, em oposição ao outro. A desumanização é um detalhe que choca – afirma Tatiana.

As aquarelas de Debret expõem o que o artista viu como resultado de 15 anos no país. Ao lado do arquiteto Grandjean de Montigny, ele produziu a

arte efêmera, no Brasil, em que estruturas eram montadas exclusivamente para solenidades de grande porte, como a suntuosa armação em madeira para a aclamação de D. João VI, desenhadas por Debret.

Com a morte precoce de Lebreton, em 1819, o pintor de paisagens Nicolas-Antoine Taunay decidiu deixar o país após a nomeação do português Henrique José da Silva para a direção da Academia Imperial de Belas Artes, originalmente a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. Inaugurada em 1826, a instituição e seus artistas enfrentaram dez anos de resistência por parte da ala portuguesa na implantação do neoclassicismo. Para a diretora do Solar Grandjean de Montigny, no campus da PUC-Rio, professora Piedade Grinberg, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, a tradição de arquitetura luso-brasileira estava voltada para a constru-

ção de portos e fortificações.

– Os portugueses não queriam que se implantasse um estilo europeu no Brasil. Os nossos ancestrais portugueses eram ligados à questão da arquitetura por meio dos portos e fortes em que se destacavam. A herança no Rio de Janeiro era muito mais dos engenheiros militares – destaca Piedade.

Segundo ela, é possível questionar a própria ideia de uma Missão, já que os artistas não formavam uma comitiva unida e obtiveram êxito individualmente.

– Esse nome de Missão Artística Francesa só foi dado em 1965, pelo historiador Alfredo Taunay, parente de Nicolas Antoine Taunay. Na realidade, eles não formavam um grupo coeso – observa.

No bicentenário, além do Solar Grandjean de Montigny, restaram na cidade o pórtico da antiga Academia Imperial, a Casa-França Brasil e o Chafariz do Rocio Pequeno.



► Debret: Documentarista da Corte e das ruas

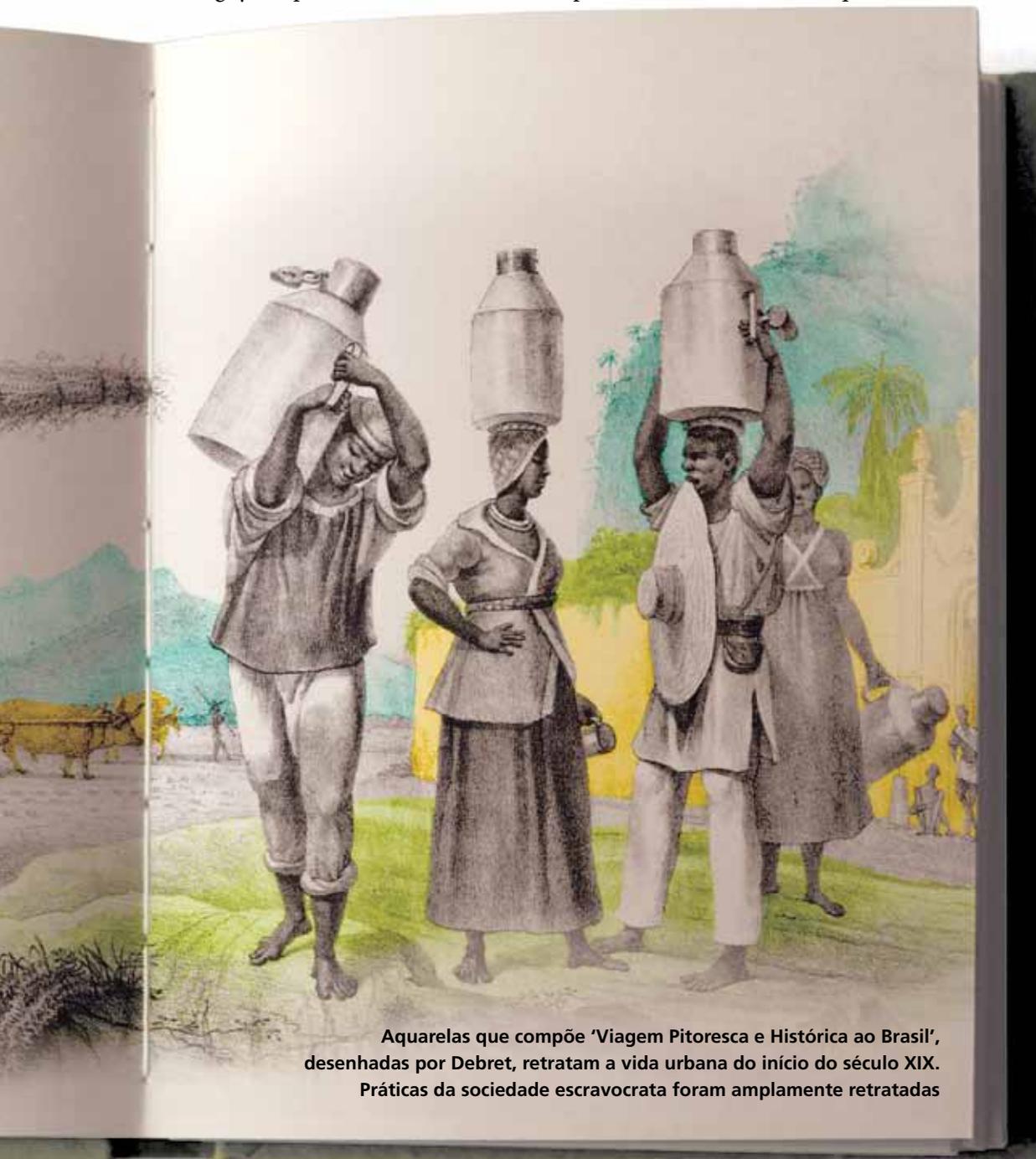


Jean Baptiste Debret (1768-1848) foi discípulo e parente do pintor francês Jacques-Louis David. Migrou para o Brasil, ao lado de outros artistas, como pintor de costumes da Missão Artística Francesa a fim de fugir do ostracismo e das perseguições pelas posições políticas controversas a favor de Napoleão Bonaparte, em meio à Restauração.

No Rio de Janeiro, ele recebeu encomendas de personalidades da realeza e se tornou o retratista da Corte. São de sua autoria telas pintadas

a óleo como a *Coração do Imperador D. Pedro I* e a *Aclamação de D. João IV*, inspiradas na harmonia neoclássica em retratar feitos históricos imponentes e de suntuosidade cenográfica.

Em 1831, o artista retornou para a França, na companhia do discípulo Manuel de Araújo Porto Alegre. No mesmo ano, lançou *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, em que traduziu pictoricamente os espaços, os personagens, os ofícios, os hábitos e contradições das ruas do Rio de Janeiro. A obra foi editada em três volumes compostos por 156 pranchas.



Aquarelas que compõe 'Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil', desenhadas por Debret, retratam a vida urbana do início do século XIX. Práticas da sociedade escravocrata foram amplamente retratadas

Esporte: Gerente de convênios enfrenta uma rotina intensa de treinamento e segue uma dieta regulada e energética

Entre a bicicleta e o orçamento

Atleta colecionou, em 2015, títulos e boas colocações em Ciclismo e MTB

JULIANA VALENTE

Rosto já conhecido nos pódios das principais corridas de Mountain Bike (MTB), Antonio Ferreira de Oliveira, 61 anos, é gerente de orçamentos e convênios da PUC-Rio. O ano de 2015 foi vitorioso para Ferreira, que, além de ter sido campeão das quatro principais corridas de MTB, conseguiu um feito raro para o ciclismo: chegar ao ranking final das duas modalidades. Vice-campeão do Ranking Estadual de Maratona de MTB e quarto colocado no Ranking Estadual de Ciclismo de Estrada, ele era o único com dois troféus.

Atleta desde os 15 anos, Ferreira viu o ciclismo, hoje motivo de orgulho para ele e família, chegar em sua vida por acaso. Durante uma partida de futebol, o gerente de orçamentos rompeu o menisco do joelho esquerdo e precisou passar por uma cirurgia. Tempos depois, ele sofreu novamente



FERNANDA P. SZUSTER

Ciclista há 21 anos, Antonio Ferreira representa a Universidade em campeonatos nacionais desde 2005

uma lesão. Para fortalecer a musculatura, Ferreira, aos 40 anos, começou a pedalar.

Após cinco anos de treinamento, o instinto competitivo deu início a uma carreira com muitos títulos e boas colocações nos rankings. O desempenho e dedicação chamaram a atenção

do antigo diretor do Departamento de Educação Física, Airton Porfílo, que o convidou para competir com o uniforme da Universidade.

– O Airton se aposentou, mas o atual diretor continua me apoiando. Até porque ele vê resultado e o nome da PUC-

-Rio está sempre lá no pódio.

Ferreira ressalta que o ciclismo exige uma rotina de treinamento mais pesada e uma alimentação regrada. A preparação para as competições começa às 4h30 e termina às 8h, porque ele precisa estar na Universidade às 9h. Nos fins

de semana, ele treina em estradas das 6h às 12h.

– Mudei muito a alimentação desde que comecei a competir. Treino duas vezes por semana com o pelotão de ciclismo na orla do Leblon e de Ipanema e, nos outros três dias, na Floresta da Tijuca. Aos sábados, vou para a estrada fazer uma quilometragem alta e domingo treino Mountain Bike.

Apaixonado pelo ciclismo de estrada, Ferreira vibrou muito com a conquista, em 2015, da Maratona Mountain Bike Trio Trail, em Duas Barras. Na presença do neto na linha de chegada, ele ganhou do atual campeão brasileiro com mais de 10 minutos de distância.

– Essa competição é muito difícil e é a terceira vez que ganho. Na hora em que o secretário do prefeito estava entregando a medalha, disse que ia me dar a chave da cidade. Tinha uns 10 anos que ela não acontecia, vibrei muito porque ganhei de novo.

Carisma: Funcionário chama atenção de alunos e funcionários ao receber passageiros com um constante bom humor

Elevador da felicidade: as idas e vindas de Elson

Recém-contratado como ascensorista da PUC, profissional tem 33 anos de histórias de elevador para contar

LUIZ FELIPE MARINHO

“Ao desembarcarem, lembrem-se: pode existir uma atrofia entre o veículo e o pavimento. Observem o vão, por favor”. Quem usa os elevadores do campus da PUC-Rio provavelmente já ouviu essa frase vinda de um senhor com 1,56m de pura simpatia. Dono de um olhar expressivo e de um bigode grisalho característico, Elson de Souza Paulo, 60 anos, ascensorista, tem 33 anos de profissão.

Natural de Nilópolis, Elson cresceu em uma casa de estuque, ao lado de quatro irmãos. O mais velho morreu recentemente, vítima de complicações causadas pelo diabetes. Aos 22 anos, o profissional perdeu o braço em um acidente e, enquanto estava no hospital, a mãe morreu em casa, vítima de um ataque cardíaco.

Há pouco mais de um mês trabalhando na PUC, o ascensorista passa os dias de trabalho arrancando sorrisos de estudantes e professores que passam pelo elevador de número quatro do Edifício Cardeal Leme – onde trabalha atualmente.

Aluna do 3º período de Administração Beatriz Barros diz que Elson é sempre muito simpático. Ela conta que o profissional motiva as pessoas a pararem de reclamar de coisas simples.

– Ele está sempre com um sorriso no rosto. Agora mesmo, estávamos subindo, e o elevador apresentou um problema, não saía do primeiro andar. Mas ninguém ficou estressado. Ele faz as nossas idas e vindas muito mais alegres.

Na Ala Kennedy, onde trabalhou nos primeiros dias, os estagiários do Centro Técnico

Audiovisual (CTAv) colaram um cartaz em cima da porta do elevador que dizia “Elevador da Felicidade”.

A estudante do 6º período de Cinema e estagiária do CTAv, Luiza Dreyer conta que ficou muito amiga de Elson.

– Ele sempre tem uma piada na manga, é muito inteligente e amoroso. É um exemplo de uma pessoa humilde e alegre, que leva para o trabalho a felicidade que ele quer na vida dele.

Elson já trabalhou em locais como o Edifício Central do Brasil, onde conheceu o secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, e fala com orgulho dos elogios que recebeu. Mas foi no Edifício Santos Vahlis que surgiu a ideia de escrever o livro *Os altos e baixos de um ascensorista*, com base nas experiências acumu-



FERNANDA P. SZUSTER

Elson recebe os passageiros no quarto elevador do Edifício Cardeal Leme

ladas. Lá, presenciou muitas situações, como os dois assaltos que sofreu dentro do elevador.

Sempre, ao chegar no andar desejado, Elson abre as portas

com a mesma simpatia e a mesma frase que virou bordão:

– Por gentileza, desembarquem com calma. Observem o vão. Mind the gap.

Alimentação: As barracas foram certificadas pela Vigilância Sanitária da Prefeitura para controle da higienização do local

Polo gastronômico para os estudantes

São 16 quiosques, na calçada, perto do estacionamento

FERNANDA P. SZUSTER



Estudantes e funcionários aprovam a revitalização das barraquinhas que trouxe mais credibilidade, limpeza e segurança ao corredor gastronômico

GABRIELE ROZA E TOBIAS ABDALLA

O Polo Gastronômico da PUC é realidade. O processo de urbanização da área e padronização das barracas de alimentos, localizadas perto do estacionamento da Universidade, na rua Padre Leonel Franca, em frente ao Terminal Rodoviário da PUC, foi idealizado há mais de dez anos pelos vendedores. Além da revitalização, as barracas foram substituídas por quiosques cuja produção é certificada pela Vigilância Sa-

nitária, que garante o controle da higienização. As mudanças incluem a futura instalação de medidores de energia.

O processo de padronização, que ocorreu em março, deixou o ambiente mais organizado, além de permitir que a estrutura do quiosque permaneça fixa no local. Antes da revitalização, as barracas eram diversificadas e cada comerciante escolhia o estilo que preferia.

Willian Porto e Lilian Garcia são casados e vendem salgados há 20 anos na área. Vice-

presidente da Associação dos Amigos e Empreendedores da PUC, Porto diz que os vendedores montaram a associação e procuraram a prefeitura, que deu um prazo para a revitalização do local.

– Ninguém levou muita fé, porque já pedimos há muito tempo. Mas agora, o espaço melhorou bastante, antigamente não tinha organização de nada. Hoje temos um padrão, está bem melhor. Esse espaço me ajudou muito. Paguei aluguel minha vida toda.

“Melhorou bastante, antigamente não tinha organização de nada”

Willian Porto

Ficamos 13 anos nos dedicando, e conseguimos comprar a nossa casa.

Antes da reforma, todas as barracas foram derrubadas pela Vigilância Sanitária para a construção dos novos quiosques. O episódio levantou dúvidas entre alguns alunos sobre como seriam as mudanças. O estudante de Economia Pedro Klautau conta que ficou chocado ao ver as barracas demolidas.

– Fiquei muito surpreso, estudo das 7h às 15h e fiquei com medo de ficar sem lanchar nas barracas, já que o preço é bastante acessível. Mas depois que fui avisado, fiquei ansioso para saber quando voltariam.

O presidente da Associação dos Funcionários da PUC-Rio (AFPUC), Luiz Cláudio Belfort, auxiliou na realização do projeto e diz que a mudança ajuda os vendedores a captar mais clientes. Além disso, explica que os comerciantes também vão ganhar mais confiança dos patrocinadores e de empresas que poderão colocar produtos para a revenda.

– Ainda não está concluído, já temos reunião marcada com empresas que querem chegar até eles. Eles estão sendo vistos como potencial de investimento. Eles não tinham uma licença, agora eles têm e vão ser organizados.

De acordo com o presidente da AFPUC, foi necessária uma parceria com o poder público para a obtenção de um alvará que garantirá alguns benefícios aos comerciantes. Para Luiz Cláudio, a conquista faz parte de uma luta antiga.

– O mínimo que precisava ser feito era uma organização. Eles já têm 90% de sucesso garantido, que são os produtos que vendem. Os comerciantes só precisavam de uma ajuda para a legalização.

A vendedora Elisângela Souza sempre gostou de gastronomia e, desde 2006, trabalha no Polo Gastronômico. A comerciante acredita que o espaço tanto ajuda a sustentar a família, a conhecer pessoas e a fazer amizades.

– Antes, eu trabalhava como segurança no estacionamento da PUC, mas sempre fui apaixonada por gastronomia. Resolvi então montar minha barraca de hambúrguer aqui no corredor. Para mim, a maior recompensa do meu trabalho não é o dinheiro, mas fazer novas amizades com tantos alunos.

Games: Articulação entre entretenimento e informação é diferencial

Lazer conectado ao conhecimento

News game oferece conteúdo sobre atualidades e história em formato digital

FREDERICO DI GIACOMO



Filósofo alemão Karl Marx compõe catálogo de personagens. No jogo, França é um dos cenários disponíveis

CAMILA DE ARAUJO

Em *Filosofighters*, o jogador escolhe pensadores como Platão, Marx, Nietzsche, Sartre e Simone de Beauvoir para um confronto corpo a corpo. O gênero de news game, em que conteúdo e informação são oferecidos ao usuário, surgiu como uma maneira de oferecer diversão e entretenimento na linguagem adequada aos que cresceram em meio às novas tecnologias.

A produção desse tipo de game começou de forma independente, em 2001, quando o designer uruguaio Gonzalo Frasca criou o game *Kabul Kaboom*, inspirado na guerra do Afeganistão. Em 2004, ele coordenou a elaboração de *Play Madri*, o primeiro news game oficial, para o jornal *El País*, inspirado no atentado terrorista na capital espanhola, em março do mesmo ano. Mais tarde, a experiência foi replicada por outros veículos estrangeiros como CNN e *The New York Times*. A partir de 2007, as primeiras produções brasileiras na área foram feitas pelos sites G1 e Mundo Estranho, o jornal *O Estado de S.*

Paulo, e as revistas *Galileu* e *Superinteressante*.

Os news games são classificados a partir de seis categorias: atualidades, documentários, infográficos, comunitários, quebra-cabeças e plataformas. Segundo o jornalista e desenvolvedor, Frederico Di Giacomo, responsável por produções como o *Jogo da Máfia* e *Filosofighters*, tanto a parte técnica quanto jornalística precisa ser pensada em conjunto.

– Da reunião de pauta surgem duas missões iniciais: o jornalista deve apurar e o designer pensar a estrutura visual. Depois, começa o trabalho do ilustrador para projetar a interface. Com a arte pronta, é a vez do programador. Terminada essa etapa de desenvolvimento, há a trilha sonora e a fase de testes. Nós precisamos de tempo para averiguar o produto antes de colocar no ar. É preciso ver erros, jogabilidade, nível de desafios e o que pode ser ajustado – explicou Giacomo.

Segundo a professora Marília Martins, do Departamento de Comunicação Social, a interatividade articulada com o saber é o diferencial do segmento.

– O news game é útil quan-

do é interativo e dialoga com informação de qualidade. Esta é uma mídia capaz de reinventar o jornalismo se usada para construir uma narrativa e não apenas para satisfazer as pessoas diante da tela do computador ou celular – diz Marília.

Entre os games digitais, os baseados em notícias são denominados Serious Games ou Jogos Sérios, não restritos unicamente em promover o lazer. Para Giacomo, a função desse formato é fundir informação e entretenimento.

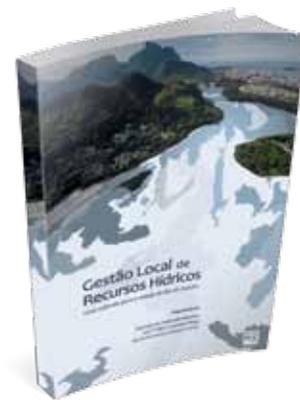
– Se o news game só diverte, ele é só jogo. Se só informa, é só jornalismo – afirma o desenvolvedor.

Segundo o pesquisador Flávio Nazario, do Laboratório de Ergodesign e Usabilidade da PUC-Rio, especialista em gamificação, essa mídia é uma forma interessante de estratégia para atrair o público que cresceu imerso na cultura virtual.

– O mercado demonstra que apostar nos jogos baseados em notícias é uma boa estratégia para renovar a audiência, já que há pelo menos duas gerações, Y e Z, compostas de nativos digitais – afirma Nazario.

NA ESTANTE

Editora PUC



Gestão local de recursos hídricos: uma reflexão para a cidade do Rio de Janeiro

Gestão local de recursos hídricos é uma leitura que contribui e inspira uma nova atitude com as águas do planeta. O livro surgiu como registro das aulas teóricas do curso Gestão Local de Recursos Hídricos, realizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente (Nima). A obra também é resultado do esforço dos professores do curso para sensibilizar os alunos e a comunidade em relação à sustentabilidade do campus e do entorno.



Educação no século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens

A obra discute a relação entre Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e aprendizagem escolar. Escrito por professores do Departamento de Educação, o livro apresenta novas concepções sobre as práticas educativas e orienta professores para a educação do século XXI. O fio condutor é a cognição humana nos processos centrais: percepção, abstração, atenção, memória, construção de significado e raciocínio.



Comportamento e projeto de estruturas de aço

A engenharia passa por um processo de modernização, em que as inovações tecnológicas levaram a mudanças na formação dos novos engenheiros. Para atender a esta nova demanda, o livro é voltado para estudantes de graduação em Engenharia Civil, mas também serve de material didático para o treinamento de profissionais responsáveis pelo projeto e execução de estruturas de aço e mistas de edificações.



Mediação internacional

A evolução da capacidade bélica tem tornado o mundo mais perigoso desde a Primeira Guerra Mundial. Organizado por Monica Herz, Maíra Siman e Paula Drumond, o livro reúne textos de especialistas de diversos países sobre aspectos teóricos e práticos para a resolução de conflitos armados por meios pacíficos, com atenção especial para as técnicas e os processos de mediação internacional.

Educação: Projeto ajuda estrangeiros a se estabelecerem no mercado de trabalho por meio da experiência e da cultura

Refugiados lecionam em curso de idiomas

GABRIELE ROZA

Crescem em 300% os pedidos de refúgio no Rio de Janeiro

Viajar sem sair de casa, conhecer culturas e compartilhar experiências em um curso de idiomas, cujos professores são refugiados. A ideia surgiu em São Paulo e chegou ao Rio de Janeiro neste semestre pela iniciativa da organização não governamental (ONG) Atados, em parceria com a Cáritas Arquidiocesana RJ. Com a ajuda de mais de 30 voluntários, o curso Abraço Cultural fornece oportunidade de trabalho para refugiados de países como República Democrática do Congo, Haiti, Nigéria, Cuba e Síria. E, por outro lado, oferece cursos de francês, inglês, espanhol e árabe, além de vivenciar música, história, política e festas típicas dos diferentes países. O curso funciona na Casa de Cultura Habonim Dror, em Botafogo.

De acordo com a Cáritas Arquidiocesana RJ, o número de refugiados aumentou no Rio de Janeiro. A quantidade cresceu quase 300% em três anos: de 1.542 em junho de 2012 para 5.998 em 2015. São pessoas de mais de 80 países que fugiram de perseguições políticas, religiosas e guerras civis. Um relatório divulgado pela Cáritas, no dia 19 de abril, mostra que, no primeiro trimestre de 2016, 210 refugiados chegaram ao Estado do Rio de Janeiro. Em 2015, o número alcançou a marca de 834. Os dados representam um aumento considerável no fluxo de refugiados no Rio.

Atualmente, o estado abriga refugiados vindos principalmente de países da África, da América Latina e do Oriente Médio. A coordenadora do Abraço Cultural no Rio, Tatiana Rodrigues, explica que a Atados percebeu a dificuldade dos refugiados de se estabelecerem no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que constatou que eles falavam diversos idiomas, algo que poderia ser aproveitado a favor dessas pessoas. Com isso, houve a união



DIVULGAÇÃO



Na foto maior, professores ministram aula de cultura árabe para alunos brasileiros

Alunos acompanham atentamente aula de um refugiado no escritório Meu Rio, em Botafogo

da ideia de empregá-los com a oportunidade de ensinar outras culturas que se relacionam com uma língua.

– A ideia é fazer um curso de idioma diferente, em que a troca cultural é mais importante, a língua é o só um meio de fazer isso. É um absurdo uma aula de francês, por exemplo, não ter a

cultura africana. Estamos animados em poder passar isso, a ideia é abraçar outras culturas, abrir a mente. Está sendo muito enriquecedor, os alunos estão gostando e os professores também. Abre as portas, dá oportunidade que dá certo.

Refugiado da República Democrática do Congo Chantrel Koko, 25 anos, está no Brasil há quatro anos e é professor de francês do Abraço Cultural no Rio. Ele fala sete línguas – português, inglês, francês, quatro línguas de seu país – e mais 13 dialetos. Koko cursa medicina na UFRJ, mas diz que é muito difícil para o refugiado conseguir emprego. Para ele, o Abraço Cultural é uma saída para o problema. Segundo Koko, muitos congoleses vêm para o Brasil para fugir da guerra e da situação política.

– O Brasil é um país que está de braços abertos para receber

estrangeiros e estudantes. Agora que estou no fim da faculdade, ganhamos uma bolsa muito pequena, é impossível se sustentar no Rio de Janeiro. Normalmente, os pais nos sustentam, mas nem sempre podem. Então, temos que nos virar. E aí, acabamos tendo dificuldade de emprego. Meu sonho agora é terminar a faculdade e exercer minha função de médico.

Aluna de Engenharia de Nanotecnologia da PUC, Rafaela Carvalho gosta da experiência de ter aula de árabe com um professor refugiado. Ela afirma que sempre se interessou por falar árabe, mas nunca teve oportunidade de fazer o curso, já que só tinha encontrado no Consulado do Líbano.

– Aqui é um ambiente muito legal, eles estão permitindo uma troca cultural. Estou gostando bastante, o clima é bem mais relaxado. Criamos um vínculo com o professor. Rola uma troca, dele com a gente e da gente com ele.

O Abraço Cultural nasceu em julho de 2015. Após realizar a 1ª Copa do Mundo dos Refugiados, a Atados resolveu criar um projeto mais duradouro e que pudesse contribuir para a inserção dos refugiados na sociedade. Segundo a coordenadora Tatiana, o curso recebeu mais inscrições do que o esperado quando abriu as primeiras vagas em fevereiro. Por isso, decidiram abrir mais turmas, em maio, no escritório Meu Rio, em Botafogo.

– O espaço que temos para realizar o curso é cedido, por isso, não abrimos antes, mas agora conseguimos um novo espaço para abrir mais turmas. Estamos muito felizes com a grande procura por um curso em que a troca de experiência é mais importante. É muito bom ver que as pessoas querem ajudar e têm interesse pela causa dos refugiados.

Arte: Doada à cidade do Rio por desejo da colecionadora, a casa-museu abriga importante acervo de arte clássica

Tesouros da Fundação Klabin

Coleção inclui pinturas, esculturas, mobiliário e objetos de arte decorativa

FOTOS ACERVO FUNDAÇÃO EVA KLABIN



ALINE RÍPOLI

Detentora um dos mais importantes acervos de arte clássica dos museus brasileiros, a Fundação Eva Klabin abriga mais de 2 mil peças, que compreendem quase 50 séculos de arte. Preciosa e rara, a coleção foi reunida por Eva Klabin ao longo de toda a vida e doada à cidade do Rio de Janeiro em 1990, um ano antes da morte

“Eva ofereceu um jantar que ficou nos anais da sociedade carioca pelo requinte”

Ruth Levy

dação Cultural Ema Gordon Klabin, em São Paulo.

Considerada uma mulher pouco ligada às convenções, Eva Klabin trocava o dia pela noite, organizava jantares sempre após a meia-noite e tinha uma vida social intensa. De acordo com a museóloga da Fundação Ruth Levy, a colecionadora tinha orgulho de mostrar o acervo e recepcionou figuras ilustres como o ex-presidente Juscelino Kubitschek e o ex-premiê israelense Shimon Peres.

– Para o banqueiro David Rockefeller, Eva ofereceu um jantar que ficou nos anais da sociedade carioca pelo requinte e belíssimos arranjos florais feitos pelo amigo Burle Marx.

A casa-museu, localizada na Av. Epitácio Pessoa, 2.480, na Lagoa, é dividida em ambientes que foram nomeados de acordo com as peças expostas ou alguma outra característica marcante do espaço, como por exemplo a Sala Renascença, que abriga obras do Renascimento Italiano, ou a Sala Verde, cujo nome vem do tom esverdeado de um fragmento de tapeçaria flamenga do século XVI, Feuilles de Chou. A disposição dos objetos em cada uma das salas foi feita por Eva Klabin e, segundo a museóloga, reflete muito o gosto e a personalidade da colecionadora.

Ruth, que trabalha na Fundação há 22 anos, conta que a coleção tem núcleos de grande relevância e, apesar de marcantes, peças de diferentes épocas e procedências convivem na casa de forma harmônica e criativa.

– Na coleção egípcia, destaca-se uma máscara de esquife de gato do período Ptolomai-co. Na greco-romana, uma cabeça de Apolo de mármore dos séculos I a II a.C. Chama a atenção ainda o Retrato de Nicolaus Padavinus, pintado por Tintoretto no fim do século XVI. Na coleção oriental, figuras de Buda e outras divindades, além do camelo montado por uma figura de mulher, uma elegante peça em terracota da dinastia Tang. A prataria e os tapetes também merecem destaque pela beleza e qualidade das peças.



1. Sala Renascença é a mais ampla da casa e abriga objetos de várias culturas e civilizações

2. Com a coleção de obras de arte, Eva Klabin fez de sua casa um cenário ideal para receber figuras ilustres

3. No quarto de dormir de Eva Klabin, destaque para a tapeçaria de Giovanni Francesco Romanelli

